

Uma análise do sagrado na poesia de Augusto dos Anjos

**José Eduardo Silva de Souza1**

# Grupo de Trabalho (GT): 13- Estética e Ensino Religioso: perspectivas e práticas da arte e sua diversidade

**Resumo**

O presente trabalho traz à luz algumas análises acerca da poesia do poeta brasileiro Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, portanto, serão abordadas as reflexões extraídas da obra *EU,* publicada em 1912. Contudo, o objetivo deste artigo é oferecer uma nova roupagem sobre os elementos sagrados que envolvem a poesia augostiniana, além da exposição do cientificismo presente em sua obra, o pessimismo, naturalismo e a analogia associada aos aspectos da morte. Augusto dos Anjos que em parte é considerado como um dos grandes símbolos da poesia pré-modernista, muito embora, ainda seja motivo de debates acerca de sua classificação, há quem opte por identificar o mesmo em uma zona fronteiriça entre o simbolismo e o parnasianismo. No entanto, a sua obra contribuiu imprescindivelmente para a literatura brasileira com a sua originalidade em captar e aglutinar elementos presentes no final do século XIX e começo do século XX, que se apresenta como um marco atemporal. Sendo assim, em primeira análise serão tratados o contexto que permitiram ao poeta constituir a sua cosmovisão, doravante, em segundo plano os elementos e signos do sagrado em sua obra e por fim as possibilidades de transcendência e aproximação com os aspectos da natureza.

1Graduando do curso de Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte -UERN.

**Palavras-chave:** literatura, poesia, símbolos sagrados, estética, religião.

# Introdução

Augusto dos Anjos nasceu no engenho de Pau D’Arco, Estado da Paraíba em 22 de abril de 1884, filho de uma família aristocrata paraibana, iniciou os seus primeiros passos acadêmicos ainda pela influência dos seus pais Alexandre Rodrigues dos Anjos e doutora Córdula Carvalho de Rodrigues dos Anjos (sinhá mocinha) Sob essas ingerências, ingressou na carreira universitária em 1903 e em 1907, formou-se em bacharel em direito pela Faculdade de Direito de Recife, sendo essa bastante relevante, pois era influenciada pelo positivismo e cientificismo do século XIX, que logo reverbera com fortes traços na obra de Augusto do Anjos, sobretudo, figuras emblemáticas como Charles Darwin e Herbert Spencer que podemos encontrar como menções em formas de sonetos.

Ademais, os seus poemas estão fortemente associados ao pessimismo do filósofo alemão Arthur Schopenhauer e o Niilismo de Friedrich Nietzsche, além do mais, o simbolismo associado ao poeta francês Charles Baudelaire. Nesse ínterim, entre o século XIX e começo do século XX, Augusto dos Anjos realiza uma espécie de investigação profunda e volta o seu olhar para as entranhas do Brasil, expondo as mazelas e as deformações de um país em transformações políticas e de modernizações científicas que se somava em um ideal progressista republicano.

# Os símbolos sagrados

Em suma, a simbologia religiosa encontra-se mesclada em suas ferramentas reflexivas, ou seja, hora o poeta captava o seu meio, hora tomava emprestado conceitos de texto sagrados de sistemas de crenças orientais, como por exemplo, Riga veda2, Abidarma, zoroastrismo e a mitologia grega, um apanhado geral da Era Axial3, nessa reflexão crítica orientada pela junção acerca do filosófico e o sagrado teológico, Augusto do Anjos apresenta o seu EU, suspendendo as suas faculdades mentais e compreendendo as condições do ser humano efêmero, mediante as limitações pré-concebidas pela organização orgânica, o poeta buscou em algumas áreas da ciência como química e biologia e textos sagrados as respostas sobre os mistérios envolvendo a existência humana e as incorporando a sua cosmovisão. ‘‘A familiaridade de Augusto dos Anjos com o budismo é notável.

2 É um livro sagrado do indo-europeu, contendo os mecanismos mais antigos dos mantras sânscritos, escritos por volta de 1500 a.C.

3 Período do surgimento das grandes religiões e sistemas de crenças na china, Índia e no oriente médio, bem como o aparecimento de reflexões filosóficas. O principal teórico foi o filósofo Karl Jaspers (1883 -1969).

Descente da linhagem poética de William Blake (1757-1827), um poeta sintonizado com o cosmos, porta-voz autêntico do sagrado, profeta, legítimo precursor de Nietzsche. Não por possuir qualidades extra-sensoriais, mas, exatamente por estar tão imerso no mundo em todas as suas camadas e por investigar as potencialidades dos seres sem distinção de espécie e sem hierarquias especiais’’. (SANDRA e ERICKSON, 2010, p.2).

Diante disso, permanece em evidência os elementos de composições metafóricas que se entrelaçam como suporte para a visão de mundo do poeta, abrindo espaços para uma percepção notável que ultrapassam o seu tempo. Todavia, é possível destacar o cientificismo que ganha uma roupagem poética mais sofisticada.

Consideramos que o poeta resume o destino do seu eu-lírico à degradação. ‘‘Quanto mais intensa é a força da matéria, mais brusca é a repulsa augustiniana frente o estado subalterno da vontade, o eu lírico, decomposto pela realidade fatalística da carne, se encontra num estado de problematização de sua própria índole. A morte vista como a égide do futuro, simboliza uma passagem para o estado de glorificação do nada, que fora roubado desde o segundo que a existência do ser se concretiza no mundo. Os vermes são o símbolo maior do destino dos humanos’’ (SANTOS, 2007). Para tanto, o cerne do soneto torna-se semelhante a sistemas de crenças orientais como o budismo e hinduísmo, no que tange uma espécie de superação da matéria e da mortificação da carne, entre linhas de uma maneira mais abrangente, a transcendência que Augusto dos Anjos constata é intrínseco ao ser humano, porém o mesmo só foi possível alcançar tal consciência depois de recorrer a uma gama de conhecimentos científicos, filosóficos e teológicos, o que para ele caminha para a morte.

Em última análise, os signos sagrados na obra de Augusto do Anjos constatam-se como um desafio, partindo de um pressuposto de aceitação do estado da condição biofisiológica do ser humano perante ao estado natural da morte.

# Resultados e Discussão

Para tanto, o cerne do soneto torna-se semelhante a sistemas de crenças orientais como o budismo e hinduísmo, no que tange uma espécie de superação da matéria e da mortificação da carne, entre linhas de uma maneira mais abrangente, a transcendência que Augusto dos Anjos constata é intrínseco ao ser humano, porém o mesmo só foi possível alcançar tal consciência depois de recorrer a uma gama de conhecimentos científicos, filosóficos e teológicos, o que para ele caminha para a morte.

Em última análise, os signos sagrados na obra de Augusto do Anjos constatam-se como um desafio, partindo de um pressuposto de aceitação do estado da condição biofisiológica do ser humano perante ao estado natural da morte.

Encontramos a presença de um naturalismo, menções a natureza, uma espécie de sagrado ao mundo natural, até mesmo as metáforas escolhidas eram sob um peso de transmutação e referência do eu-lírico ao mundo natural, como se parte da sua alma se completa-se a natureza, também há respeito e compreensão do estado das coisas vivas, talvez por conta de sua tamanha admiração ao seu companheiro e grande fonte de inspiração, o “tamarindo de sua desventura”. Sob tais circunstâncias, em conformidade com o destino de degradação humana, reaparece as metáforas reforçadas à luz das noções sobre a natureza efêmera humana, palavras que assumem anunciados em uma espécie de totemismo ganham destaques no fragmento, por exemplo, quimera e pantera aparecem somando os signos existentes, a primeira diz respeito a criatura vencida, desprezada e sem importância épica, a segunda aparece como redenção negativa do eu-lírico, o poema também contém críticas sociais, refletindo a desilusão do autor com a sociedade e a condição humana. Isso se encaixa no existencialismo presente em grande parte da obra, em resumo, *Versos íntimos* é uma soneto emblemático que reflete a visão de mundo sombrio e profunda de Augusto dos Anjos, explorando temas como efemeridade da vida e a introspecção, sua linguagem técnica e seu tom niilista contribuem para a singularidade da obra deste autor na literatura brasileira, além do mais, a presença do regionalismo nordestino conecta-se em boa parte das suas poesias, Porém Augusto popularmente ficou conhecido como o poeta da morte, no entanto ao analisar a sua poesia iremos observar uma espécie de transcendência do mundo material.

# Considerações finais

portanto, parte nas análises dos símbolos sagrados presentes na poesia do poeta Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884-1912) tiveram como ponto de exposição os signos sagrados em sua obra, entretanto, o objetivo deste trabalho foi explorar de maneira concisa parte dos elementos do sagrado, muitas vezes carregados e entrelaçados com o cientificismo do século XIX e começo do século XX.

Nesse sentido, além das estruturas e elementos do parnasianismo, simbolismo, as reflexões filosóficas pessimistas, tendo em vista a grandiosidade e complexidade da tarefa de isolar os símbolos sagrados presentes na poesia de Augusto dos Anjos, este presente trabalho corrobora com a missão de propagar as pesquisas concretizadas sobre os aspectos sagrados.

# Referências

ROMERO, S**. História da Literatura Brasileira.** 2ªed melhorada pelo autor. Vol. 1. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-editor. 1902.

ANJOS, A.**Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Aguilar,1994.

ERICKSON, Sandra S. F. **Quem tem medo de Augusto dos Anjos?** Anais IV Seminário sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura. Campina Grande, PB, 2005.

Simondon: **Uma introdução em devir**/ Lucas Paolo Vilalta,-1. ed. São Paulo: Alameda, 2021. TYLOR, E.B. - **Remarks on Totemism**, journal of the Royal Antropological Institute, I, 1899.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**. (R. C. Lacerda, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. (C. F. Trad.). Rio de Janeiro: Editora Palas Athena, 1992.